



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Fabulação-Crítica e Afro-Fabulação nas imagens fotográficas do Movimento Mães de Maio¹

*Maurício Reis Araújo²
Ana Rita Vidica³*

Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O artigo aborda a questão dos futuros possíveis para jovens negros e pobres que foram mortos pelo Estado Brasileiro, tendo como premissa teórica os conceitos de Fabulação Crítica e Afro-Fabulação. As duas imagens do Movimento Mães de Maio são escolhidas para ser analisadas a partir de um “black gaze” (olhar negro) como proposto por Tina Campt, que é uma forma de ressignificar as histórias dos jovens e abrir possibilidades de entendimento para além das narrativas tidas como verdadeiras e corretas. A Fabulação Crítica, proposta por Saidiya Hartman, e a Afro-Fabulação, de Tavia Nyong'o, são introduzidas como ferramentas conceituais que permitem a reconstrução das histórias desses jovens e suas mães. Conclui-se que o ato fabulatório começa com o ato de levar as fotografias dos jovens mortos às ruas, que se abrem a olhares diversos sobre as vidas negras e como a vida negra é diversa.

PALAVRAS-CHAVE: fabulação-crítica; afro-fabulação; movimento mães de maio; fotografia.

Introdução

Quais são os futuros possíveis para os jovens negros e pobres que foram mortos pelo Estado Brasileiro? Pensar o futuro de uma vida interrompida é um grande desafio com muitas implicações. Afinal, como pensar o futuro de alguém que já morreu? Esse exercício de pensamento é mais que uma imaginação ficcional aleatória, é dar a ver, é possibilitar existências outras para esses jovens que já viviam em um mundo inventado para não dar certo para eles, um mundo falso para o jovem negro e pobre.

¹ Trabalho apresentado no GT “Fotografia documental”.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Informação da Universidade Federal de Goiás, na linha de Mídia e Cultura.

³ Doutora em História pela Faculdade de História-UFG (2017) com doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS-Paris / PDSE-CAPES).



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Para esse exercício de pensamento trabalhado neste artigo, irei utilizar os conceitos de Fabulação Crítica, da autora Saidiya Hartman e de Afro-Fabulação, do autor Tavia Nyong'o, além da perspectiva de Denise Ferreira da Silva, sobre a vida negra, Achile Mbembe sobre necropolítica e por fim, uma breve abordagem de um olhar negro, proposto por Tina Campt, para analisar as imagens.

Esses conceitos abrem à possibilidade para pensar as vidas negras silenciadas pelo estado brasileiro, de modo mais específico, a morte de jovens negros em 2006, na cidade de São Paulo, que culminou na criação do Movimento Mães de Maio, formado por um grupo de mães enlutadas que buscam justiça e reparação pela memória de seus filhos.

Para a percepção destes conceitos, após a reflexão teórica, propõe-se olhar para duas imagens fotográficas como objeto de análise. A proposta analítica se constituiu em um exercício de fabulação crítica e afro-fabulação que, se torna aberta também ao olhar do outro. Conclui-se que esta possibilidade de análise vai na contramão de uma perspectiva moderna, como sugere Denise Ferreira da Silva, e possibilita reabrir a história ou as histórias destes jovens e suas mães.

Fabulação Crítica e Afro-fabulação

Saidiya Hartman (2020), ao escrever sobre o assassinato de uma jovem negra chamada Vênus em um navio de escravizados, evidencia que a jovem só teve o nome mencionado em um pequeno trecho do julgamento de seu assassino. A autora então pensa em como essa jovem, que estava acompanhada de outra que também morreria, poderiam ter passado juntas esses últimos momentos.

Hartman relata que pensou que talvez uma jovem poderia ter consolado a outra, que encontraram conforto em meio aos momentos de tortura, porém, a autora logo se dá conta que sua história criada não poderia mudar o fato de que as duas jovens estavam com os corpos assentados no Atlântico, ou seja, mortas. Além disso, percebeu que poderia estar ultrapassando os limites dos fatos da



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



história, ao dar espaço para a criação de uma nova história. E um grande cuidado adotado por ela, foi a de não seguir os mesmos passos dos colonizadores, de romantizar os atos de tortura e perversões sexuais, como se fossem glórias para os homens.

Mas o que seria a história dessas vidas, se não os arquivos que as reduzem a um dado sobre pessoas mortas naquele navio? Para Hartman, o arquivo é inseparável do jogo de poder que assassinou essas duas jovens. No arquivo está inscrito não só os dados sobre elas, mas está cravado ali a impossibilidade de serem mais do que isso, mais do que a violência que sofreram. Logo, essas duas jovens ficam presas a uma existência de serem sempre as duas jovens que morreram de forma violenta em um navio e tentar dar a elas uma possibilidade do que poderiam ter sido, é ir contra os parâmetros dos fatos da história, ir contra a verdade absoluta do arquivo soberano.

Ao escrever sobre quem poderiam ter sido essas jovens, Hartman reflete que essa forma de escrita é uma tática, em suas palavras, uma fabulação crítica, que caminha com e contra o arquivo, não no intuito de ficcionalizar a história, mas extrair o que poderia ter sido, tudo o que fora arrancado dessas duas jovens, evidenciando a história da produção de vidas descartáveis. Portanto, neste artigo a imagem fotográfica será encarada enquanto um arquivo de memórias possíveis.

Os preceitos da Fabulação Crítica, proposta por Saidiya Hartman, são seguidos por Tavia Nyong'o (2018) no que tange à proposição de novas narrativas para experiências tidas corretas ou verdadeiras. Porém, ao propor a conceitualização de afro-fabulação, ele pensa a fabulação que está relacionada à uma fabulação que é atravessada pelas diásporas africanas e pelas vicissitudes do corpo negro. Ou seja, visa abordar questões relacionadas à negritude, racismo, opressão racial e a construção da identidade negra.

O autor revela que a afro-fabulação não é apenas um exercício que revela ou projeta toda a possibilidade de ser negro dentro do mundo posto como verdadeiro. A afro-fabulação também é um modo de dar a ver o que há de falso no verdadeiro, sendo ela um caminho para a correção. Ele ainda ressalta que não quer dizer que a afro-fabulação seja a resposta correta para à ampla gama



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



de desafios, dilemas e problemas que surgem da narrativa colonial e de suas implicações em diversos aspectos da vida, não é uma questão de um essencialismo da experiência negra, mas ela é uma forma e possibilidade de correção das falhas do tido como correto e verdadeiro. O que o autor chama de correto e verdadeiro pode ser entendido como a narrativa colonial em todos os seus aspectos culturais, sociais, políticos etc, que deixam quaisquer outras formas e experiências fora da normativa padrão. Conforme o autor:

Tais atos de especulação feministas negras e pós-humanistas nunca são simplesmente uma questão de inventar contos de fadas do nada. Mais de perto, eles são a ficcionalização tática de um mundo que é, do ponto de vista da vida social negra, já falso (NYONG'O, 2018, p. 6).

Nyong'o ainda ressalta que é importante não ter os corpos negros, dentro dos estudos, como objetos de especulação, como algo fora do que seria o correto. Mas o autor propõe que os corpos negros são ou possam se tornar corpos especulativos. Ou seja, não são apenas objetos passíveis de observação e descrição, mas são antes de tudo criadores de outras realidades possíveis, agentes ativos no processo de transformação em uma realidade que é composta pelo diverso e não uma única narrativa. Isso implica em entender que falar de fabulação é criar, especular, transformar em paralelo com realidades que já existem.

Movimento Mães de Maio e uma proposta de análise de duas imagens

O Movimento Mães de Maio, também conhecido como Movimento Independente Mães de Maio, é um movimento de mães enlutadas que buscam justiça e reparação a memória dos seus filhos, mortos na retaliação do Estado contra as ações violentas do Primeiro Comando da Capital, na cidade de São Paulo – SP, no ano de 2006. O movimento concentra mães de outros movimentos independentes, como é o caso das Mães de Manguinhos e Mães da Baixada Santista. Apesar de sua característica fluída, ou seja, com a

presença de mães de diferentes movimentos e vozes, o movimento é sólido em suas raízes e em sua diligência.

Ele foi fundado por Débora Maria da Silva, mãe de Edson Rogério Silva dos Santos, uma das vítimas da retaliação de 2006. O movimento organiza protestos nas ruas como um ato de resistência na busca por justiça e nesses protestos, levam fotos nos mais diversos meios, como cartazes, a fotografia impressa, pirulitos⁴, dentre outros (figura 1). Todo esse aglomerado de fotografias em diferentes suportes, serão entendidos no trabalho enquanto uma única definição, imagens fotográficas.

Figura 1: Mães de Maio em passeata no ano de 2015



Fonte: <https://www.facebook.com/maes.demaio>. Acesso em: 02/09/2023

As imagens fotográficas do movimento devem ser analisadas sob a luz da proposta de Denise Ferreira da Silva (2019), de rompermos com pilares onto-epistemológicos que alicerçam o pensamento moderno. Denise argumenta, que ao analisar a obra de arte, neste trabalho, as fotografias, tendo como base a razão transcendental, o sujeito tende a percebê-la a partir do senso comum, uma vez que há um pressuposto de belo ou feio que já está posto.

Mais do que isso, o objeto em seu tempo e espaço, a estrutura, já está formada no sujeito que observa estas imagens. Essa estrutura de pensamento moderno, que inclusive sustenta a arquitetura jurídica e econômica, acaba limitando a análise das imagens a uma forma que já está posta e não leva em conta o contínuo necessário ato de pensar “a obra de arte como uma peça

⁴ Cartaz projetado para ser montado verticalmente em um suporte alto, muitas vezes em forma de poste ou coluna, de modo que o cartaz se estende para cima, lembrando a forma de um pirulito.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



poética, ou como uma composição que é, sempre e a princípio, uma recomposição e uma decomposição de composições prévias e posteriores” (SILVA, 2019, p. 55).

Logo, tais imagens não podem ser lidas como um objeto de arte puramente. As imagens do movimento são um movimento dinâmico que se decompõe e se compõe, que muda de lugar, que infelizmente cresce em número de fotos. Essas imagens são uma materialização do próprio movimento das mães, em sentido literal de transformação. Na imagem não se encontrará apenas o que foi dado, se encontrará também o que não está escrito, o que está por vir e o que pode ser fabulado. Os filhos só poderão ser afro-fabulados em um contexto onde as bases do pensamento sejam as imagens trazidas pelo movimento em paralelo com seus discursos.

Tina Campt (2021) propõe o termo *A Black Gaze* (Um olhar negro). Como ela mesma ressalta, não se trata do olhar negro, mas um olhar negro. *A black gaze* é uma possibilidade dentro do universo plural da vida negra, por isso ela não utiliza o artigo o. Essa expressão é utilizada pela autora para analisar obras de arte produzidas por artistas negros e será utilizada neste artigo, pois a análise fabulatória sobre as imagens representará não o olhar, mas *A black Gaze*. Uma possibilidade sobre tantas possíveis. A ideia de Campt vai ao encontro com o pensamento de Nyong'o, já citado acima, de pensar os corpos negros enquanto potência especulativa, relevando a multiplicidade e potência do diverso dentro da vida negra. Partimos para a proposição de análise, revelando um olhar negro (*a black gaze*).

A imagem fotográfica (figura 2) é um recorte da bandeira do Movimento Mães de Maio e apresenta o rosto de quatro homens jovens e vítimas. Não saber nada além disso, que são quatro homens jovens que estavam em uma bandeira de um movimento de mães enlutadas, não é algo totalmente negativo, pelo contrário, é um ponto de partida.

Dentro do Movimento Mães de Maio, há mães de filhos que faziam parte do sistema prisional, portanto, é possível que também tenham fotos de pessoas que nunca tenham cometido nenhum delito e pessoas que já foram privadas de liberdade dentro da mesma imagem, inclusive lado a lado. Ao olharmos para

essa imagem, o que ela nos faz pensar sobre esses jovens? Quais teriam ou não cometido tais delitos? Como nós chegamos à alguma conclusão e porquê? Se deparássemos com essa imagem sem saber nada a respeito dela, o que iríamos fabular? Quais os futuros possíveis surgem ao deparamos com a imagem de um jovem negro? Levando em conta que estão todos mortos por quem deveria nos proteger, a resposta para tais perguntas já estão prontas e esse é o ponto que revela o poder da Fabulação Crítica e da Afro-Fabulação de não só pensar um futuro possível, mas apontar as falhas do real, da narrativa histórica tida como a correta. Para esses jovens, o passado colonial ainda é presente e isso é um dos fatores que fazem com que estejam sempre nesse processo de julgamento, condenação e execução. As imagens levadas às ruas servem então como formas de fabular criticamente essas vidas, para além do navio de Vênus.

FIGURA 2: Recorte da bandeira do Movimento Mães de Maio.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Figurativamente, uma bala para romper a parede do racismo só vejo como possível na perspectiva de Denise Ferreira da Silva (2021), que propõe um novo Estado, que para existir plenamente, este colonial precisa ser destruído. A destruição, nesse artigo de forma metafórica, acontece através da fabulação, onde rompe-se com o que estava posto e tenta refletir sobre o possível.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Um fato curioso dentro do processo de Fabulação Crítica ou Afro-Fabulação é a ideia de fabular sobre vidas que em muitas vezes não eram necessárias ser fabuladas dentro da lógica de quem cometeu a violência. Se eram inocentes, porque o Estado os matou? Porque é necessário imaginar um futuro diferente para uma pessoa que foi morta sem cometer nenhum crime? Se eram pessoas de bem, não deveriam morrer, mas isso revela algo mais latente, o projeto de assassinar e fazer dar errado a vida de jovens negros.

Achille Mbembe (2018), em seu ensaio “Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte”, a partir de Foucault e Agamben, desenvolve o “conceito de biopoder e explora sua relação com as noções de soberania (*imperium*) e o estado de exceção”, o qual ele irá nomear de Necropolítica. A Necropolítica é o uso do biopoder, controle e governo da vida, atravessado pelo racismo. Logo, as formas de terror contemporâneas, nesta pesquisa o terror provocado pelo estado, são ancoradas em um passado colonial. Ou seja, não é possível retirar o racismo dos motivos pelos quais o Estado exerce sua necropolítica. Segundo Mbembe (2018):

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (Mbembe, 2018, p. 128).

O autor cita o extermínio nazista como exemplo, onde os mecanismos que operaram o extermínio provocados pelos nazistas, também estavam no imperialismo colonial. Sistemas de execução em massa e decisões arbitrárias sobre a vida do outro, era algo corriqueiro aos dois contextos. Inclusive, o autor nos leva a uma polêmica crítica sobre a repercussão dos conflitos dos extermínios nazistas, em detrimento das centenas de anos de escravidão nos países de *selvagens*. “O que se testemunha na Segunda Guerra Mundial é a extensão dos métodos anteriormente reservados aos “selvagens” pelos povos “civilizados” da Europa.” (Mbembe, 2018, p.132). O racismo se torna elemento central nos rumos do biopoder:



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica. Em muitos aspectos, a própria estrutura do sistema de colonização e suas consequências manifesta a figura emblemática e paradoxal do estado de exceção. Aqui, essa figura é paradoxal por duas razões. Em primeiro lugar, no contexto da colonização, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral) (Mbembe, 2018, p. 130).

As três perdas dos escravizados, também podem ser aplicadas aos moradores de favelas, que historicamente foram formadas a partir do processo de expulsão dos negros e pobres dos grandes centros urbanos. Os filhos das Mães de Maio, perdem o lar, ao não poderem estabelecer uma vida de ir e voltar pra casa, sair para uma ocasião noturna, terem que obedecer a toques de recolher que fazem da casa não um lar, mas uma prisão.

Perdem também o direito sobre seus corpos, aos serem violentados e mortos sem nenhuma justificativa e perdem seu status político ao terem seus direitos negligenciados. “a humanidade de uma pessoa é dissolvida até o ponto em que se torna possível dizer que a vida do escravo é propriedade de seu dominador”. O Estado, infelizmente, ao decidir sobre quem vive e quem morre, faz os filhos vítimas serem indiretamente colocados na condição de escravizados. Nas grandes periferias, os fantasmas do colonialismo ainda executam o poder soberano. A violência cometida pelos agentes de segurança do Estado, obedecem a essa Necropolítica que determina quem deve viver ou morrer através do biopoder, por escolhas determinadas a partir do racismo.

Retomo a ideia de Afro-Fabulação através da imagem abaixo (figura 3). Como ponto de partida, podemos refletir nos motivos que fazem essas mães irem as ruas. Obviamente, as alianças que se estabelecem na dor e no amparo entre elas, é de suma importância para seguir a vida, mas além disso, há uma necessidade de estarem presentes nas ruas. Michel Foucault (2013), trabalha com o conceito de heterotopia. Segundo Foucault:



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Pois bem, sonho com uma ciência - digo mesmo uma ciência - que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos. Essa ciência estudaria não as utopias, pois é preciso reservar esse nome para o que verdadeiramente não tem lugar algum, mas as hetero-topias, espaços absolutamente outros; e, forçosamente, a ciência em questão se chamaria, já se chama “heterotopologia” (FOUCAULT, 2013, p. 20-21).

A heterotopia pode ser concebida como um espaço que difere tanto da utopia quanto da distopia. Ela se caracteriza por sua intangibilidade, embora seja uma manifestação real, resultante de construções sociais e culturais que moldam os espaços. Em outras palavras, uma maneira de percebermos os espaços como não “dados”, como não pré-discursivos, um lugar para as mães ressignificarem as histórias dos filhos e suas próprias histórias.

FIGURA 3: Integrantes do Movimento segurando uma faixa.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2504634643005554&set=a.2504637099671975>.
Acesso em 02/10/23.

Recuperando Saidiya Hartman, essas imagens caminham com e contra o arquivo. Com, no sentido de fazerem parte do arquivo de registro do Movimento Mães de Maio e contra ao romperem com a narrativa esperada sobre esses corpos. Esses conjuntos de imagens contribuem para a identificação dos jovens, ao mesmo tempo em que revelam a complexidade e humanidade por trás dessas imagens.

As ruas, espaço que em grande parte esses jovens foram sumariamente assassinados, é ressignificado e torna-se um espaço para fabular sobre quem foram e quem poderiam ter sido esses jovens. A figura 3 é um exemplo para uma das questões iniciais do artigo, sobre quais são os futuros possíveis para os jovens negros e pobres que foram mortos pelo Estado Brasileiro. Esse futuro pode ser revelado pelas próprias mães, ao narrarem as vidas de seus filhos ou



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



podem ser fabulados através das imagens que vão às ruas. Isso exige uma leitura dessas imagens e sobre quem são esses jovens a partir de um espectador dos protestos que esteja minimamente desconstruído sobre o racismo e livre de preconceitos. Esse é o grande desafio da Fabulação-Crítica e da Afro-Fabulação, lidar com uma sociedade ainda colonial que não foi feita para que a vida dos jovens negros e pobres dessem certo.

As mães nessa imagem (figura 3), seguram juntas as imagens, mostrando a aliança literal entre elas nessa luta por reparação. O compromisso de estarem presentes se revela na vestimenta, o uso da capa de chuva mostra o esforço de estarem ali sob a velha expressão de faça sol ou faça chuva. E a julgar que já é noite, fabula-se que já estejam ali há um bom tempo, ou que após uma exaustiva rotina de trabalho, ainda reuniram forças para estarem presentes no movimento. E ao fundo da imagem o contraste dos prédios com a faixa dos jovens mortos em favelas, ironicamente evidenciando a liberdade de quem mora em uma redoma, com sistemas de segurança e a prisão metafórica de quem mora e morre em condições muitas vezes desfavorecidas das comunidades pobres.

No entanto, a partir do momento em que essas imagens saem das casas e vão para as ruas, essas histórias são ressignificadas e os jovens que estavam aprisionados na condição de serem apenas os jovens mortos, ganham outras possibilidades de serem vistos como filhos, amigos, trabalhadores e pessoas que sonhavam. Ao serem fabulados a partir dessas imagens, nessa nova condição, os caminhos para a destruição do Estado colonial como o conhecemos (SILVA, 2018), fica cada vez mais próximo.

Considerações

A Fabulação-Crítica e Afro-Fabulação desempenham papéis fundamentais na maneira como reinterpretamos as imagens das vítimas do Movimento Mães de Maio. Esses exercícios de pensamento nos levam a compreender camadas mais profundas da existência desses corpos negros, revelando humanidades, afetos e alianças de vidas tão plurais e significativas.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Pode-se pensar que talvez as imagens desses jovens nesses cartazes os estejam aprisionado ao arquivo e ao eterno sofrimento, como analisou Saidiya Hartman sobre as jovens mortas no navio de escravizados. Mas esse esforço das mães de levarem essas imagens é um ato fabulatório por excelência e levando em conta que tais imagens são mais que especuladas, mas especulativas, como propõe Tavia Nyong'o sobre os corpos negros, essas imagens não são prisões, mas potências de fabulações diversas. As imagens fotográficas do Movimento Mães de Maio, portanto, realizam uma pedagogia antirracista, através de seu potencial fabulatório.

REFERÊNCIAS

CAMPT, Tina. **A Black Gaze: Artists Changing How We See**. Cambridge, MA: MIT Press, 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Revista Eco-Pos, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

NYONG'O, Tavia. **Afro-Fabulações: O drama Queer da Vida Negra**. New York: New York University Press, 2018.